

EDITORIAL

Versão original

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020180401>

MARIA JOSÉ TONELLI
Editora-chefe



FELIPE ZAMBALDI
Editor-adjunto

CIÊNCIA E SOCIEDADE

Neste momento de distopia que vivemos, não custa lembrar as questões propostas por Rousseau no século XVIII: A ciência servirá para destruir nossos costumes? Manter nossas virtudes? A ciência tem sido útil para diminuir as desigualdades? Santos (2008) afirma que estamos num momento de ruptura da ordem científica que hegemonicamente regeu o desenvolvimento científico nos últimos séculos. O século XXI, diz Santos, não fará mais distinção entre ciências naturais e ciências humanas, e as ciências sociais se libertarão do positivismo, uma vez que esse modelo em vigência “é também um modelo totalitário” (Santos, 2008, p. 11). Nesse modelo, continua o autor, “conhecer significa quantificar” (Santos, 2008, p. 15), mas isso implica reduzir a complexidade, num determinismo mecanicista que ainda não contempla a visão contemporânea de que “todo o conhecimento científico-natural é científico social” (Santos, 2008, p. 37). De fato, não é possível ignorar Berger e Luckmann (1974), no clássico *A construção social da realidade*, nem Bourdieu (2002), que nos informa que a ciência é um campo social em disputas como qualquer outro, um local de batalhas competitivas entre homens. Temos que considerar aqui que o texto de Bourdieu antecede o debate feminista mais intenso das últimas décadas e deveríamos incluir aqui as mulheres nas disputas de poder em diversos campos científicos. Mas essa é uma outra conversa. Santos (2008) pode sonhar que, um dia, as ciências sejam mais sociais, porém o que vemos ainda hoje é uma razão cativa dentro de princípios supostamente científicos, e a racionalidade científica que tanto prezamos talvez não seja tão inocente (Rouanet, 1985). Como argumenta Habermas (1987), a técnica e a ciência se transformaram em ideologia. Nada disso, entretanto, deveria nos desanimar, já que essa condição apenas repete a força dos dogmas ao longo da história da humanidade. As questões de Rousseau continuam presentes, e uma outra pergunta que talvez caiba ter em mente é: Qual ciência fazemos e para qual sociedade?

Dentro da abordagem pluralista da RAE, esta edição conta com artigos de diferentes áreas de conhecimento (*Marketing*, *Finanças*, *Gestão de Pessoas*, *Estudos Organizacionais*, *Empreendedorismo*, *Operações e Logística*), além da seção *Perspectiva*, em que Sandro Cabral e Marcelo de Souza Bispo debatem o tema “Desafios na revisão de artigos científicos em Administração no Brasil”. Completam esta edição duas resenhas, dos livros *A lógica do consumo: Verdades e mentiras sobre por que compramos*, de Martin Lindstrom, escrita por Lucas Rodrigo Santos de Almeida, e *The end of Accounting and the path forward for investors and managers*, de Baruch Lev e Feng Gu, escrita por Joyce Mariella Medeiros Cavalcanti, Hudson Fernandes Amaral e Laise Ferraz Correia, além das indicações bibliográficas “Gestão da ciência, tecnologia e inovação”, de Bruno Brandão Fischer, e “Relação universidade-empresa”, de Renato Garcia e Wilson Suzigan.

Boa leitura!

Maria José Tonelli¹ | ORCID: 0000-0002-6585-1493

Felipe Zambaldi¹ | ORCID: 0000-0002-5378-6444

¹Fundação Getulio Vargas

Escola de Administração de Empresas de São Paulo,
São Paulo, SP, Brasil

REFERÊNCIAS

- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1974). *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (2002). *Campo de poder, campo intelectual: Itinerário de um conceito*. Editorial Montessor. (Colección Jungla Simbólica.)
- Habermas, J. (1987). *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Rouanet, S. O. (1985). *A razão cativa*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Santos, B. S. (2008). *Um discurso sobre as ciências* (5a ed.). São Paulo, SP: Cortez.